

três poemas

de Reynaldo Damazio

Reynaldo Damazio é editor, crítico literário e escritor. Formado em Ciências Sociais pela USP. Foi co-editor do jornal "Caderno de Leitura", da EdUSP, e colaborador do Guia de Livros da "Folha de S. Paulo" e das revistas "Cult", "Arte Brasileiros", "Entrelivros", "Mente e Cérebro", "Nossa América" e "Literatura: Conhecimento Prático". É coordenador do Centro de Apoio ao Escritor do museu Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura. Autor de Poesia, linguagem (Memorial da América Latina), Nu entre nuvens (Ciência do Acidente), Horas perplexas (Editora 34), Com os dentes na esquina e trilhas, notas & outras tramas (Dobradura Editorial), entre outros. Traduziu Calvina (SM Editora), de Carlo Frabetti.

não há leveza
a cadela arrasta a pata traseira
sobre o rosto morto do presente
e os movimentos amputados da
criança performam a coreografia
pelo medo, vozes apagadas
no vazio da noite perversa
aprender com a insônia a tolerar
as tormentas, as porradas no baço
nenhuma leveza abolirá o carrasco
não anulará o fiasco
não resgatará a história
todos se deixam enganar
enquanto um bêbado vomita
o poema, somente palavras
letras escarradas no porão
a casa não está ocupada
não foi invadida por bárbaros
só os ratos reconhecem a ruína
o peso da podridão nos alicerces
a corrosão, a corrosão, a corrosão
não há leveza
nunca houve nem haverá
nenhuma leveza
nenhum gesto leve ou terno

nem o bater sutil da pálpebra
para as lágrimas
o tremor dos lábios
antes do beijo
o triturar de ossos no
matadouro
esquece a porra da leveza
vós que entraís
[...]

não sei o que ler nem o
que esperar
se suportarei a trava do
silêncio
desordem do instinto
a lifetime
rasuras no calendário da
mente
enguias na timeline
cicatrizes
abertas por lágrimas duras
portal de
museus imaginários onde
haicais
desarmam a teimosia do
poeta
mediocre mas senhor de
si
assim quando desanda o
papo
e o poema dá vexame
mas
você pode ainda varrer

a alma
e esperar que outros pés
toquem
suaves o seu coração
ou sair
pela rua suja de pânico
por aí
[...]

um dia
a gente ia ser o che
fazer a revolução e
morrer de ternura
depois
com o peso dos dias
quem sabe um whitman
ou poeta concreto
no vasto mundo abstrato
vida e morte severina
no fim
sem rima nem metro
talvez um fingidor
a gente passe em
brancas nuvens
entorpecendo manhãs
[...]